AMARANTE
(Jazente)

A igreja de Santa Maria localiza-se na freguesia de Jazente, a sudeste da sede do concelho, Amarante (distrito do Porto), de onde dista cerca de 7 km. Tendo como referência a ponte de São Gonçalo, no centro daquela cidade, seguir pela alameda Teixeira de Pascoais, em direção à avenida Primeiro de Maio (EN15), tomando aí o sentido de Vila Real. Prosseguir até ao cruzamento com a EN101, à direita, e depois até ao desvio para a EN101-5, igualmente à direita, em direção a Jazente. A via através da qual se acede ao centro da localidade surge è esquerda, após cerca de 1 km. A igreja encontra-se numa elevação, a cerca de 250 m daquele cruzamento, entre pequenos campos e casas agrícolas, no largo de Santa Marinha.

A igreja paroquial de Jazente, da invocação de Santa Maria, situa-se no centro de um povoado que integra estruturas habitacionais e espaços relacionadas com as atividades agrícolas.

Até aos primeiros anos do século XIX, Jazente pertencia ao concelho de Gestaçô, comarca de Penafiel, com sede na atual freguesia da Madalena do concelho de Amarante. Gestaçô teve foral em 1514 e não deve ser confundido com a atual freguesia de Gestaçô, do concelho de Baião. Para além de Jazente, a extinta unidade autárquica incluía as paróquias de Ansiães, Bustelo, Candemil, Carneiro, Carvalho de Rei, Gondar, Lufrei, a referida Madalena, Padronelo, Sanche, São João da Várzea e Vila Chã do Marão.

Igreja de Santa Maria

À IMAGEM DO QUE ACONTECE com outras igrejas na região, a fundação deste templo decorre do estabelecimento, no local, num período ainda de definição territorial, de uma comunidade monástica feminina de observância beneditina. Prova-o a declaração da respetiva abadessa, D. Margarida, em 1258, no quadro das Inquiri-



Perspetiva aérea

ções de D. Afonso III: declara ela, então, que a fundação do mosteiro resultara da iniciativa de um certo Gomécio Mendes e que à época, o direito de padroado pertencia a Martinho Rodrigo Lopes "de Borona" e Vasco Mendes, seus descendentes. Mais tarde, já no decurso do século XIV, uma outra abadessa, D. Constança Martins aparece referenciada como barregã de Martim Gonçalves Leitão, que foi mestre da Ordem de Cristo entre 1327 e 1335. Quanto ao mais, pouco se sabe. A informação integrada nas fontes é escassa, facto que se reflete nos comentários dos memorialistas seiscentistas e setecentistas: Craesbeck confirma que foi abadia e que pertenceu ao bispado do Porto; acrescenta que possuía capelas filiais, embora não tivesse sacrário, nem ali se encontrassem sepulturas epigrafadas, o que, segundo ele, indiciava a modéstia da sua condição. Esta ideia é consistente com o facto de, em 1320, quando se determinou o valor do contributo que as casas religiosas haviam de prestar para suprir as despesas da Cruzada, à igreja de Jazente haver sido imposto o modesto pagamento de 50 libras, como consta no Catálogo das Igrejas, comendas e mosteiros do Reino. Não obstante estas limitações, a comunidade monástica ainda existia em meados do século XV. Na realidade, o mosteiro de Jazente aparece referido na listagem do Censual do Cabido do Porto, do século XIV. De acordo com esta fonte, o mosteiro pertencia ao no arcediagado de Gouveia, que era do mestre-escolado. A comunidade monástica existia, ainda, em meados do século XV; confirma-o, a notícia de 1458, referente ao ingresso, no seu seio, de uma monja beneditina, oriunda do mosteiro de Recião. Contudo, a instituição acabou por ser extinta no decurso das décadas seguintes, à imagem do que sucedeu a outras suas congeneres regionais: em 1542 já não se refere a existência, no local, de uma comunidade monástica; a igreja é apenas paroquial.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, Jazente era abadia de apresentação do bispo do Porto e pertencia ao concelho de Gestaçô. Na igreja havia três altares e "não tinha naves". O padre Manuel Pereira, relator das Memórias, confirma a notícia de que a igreja fora mosteiro de monjas beneditinas até 1542. Mas a informação disponibilizada é muito lacónica declarando, o mesmo, haver respondido ao inquérito por impedimento do abade.

A igreja de Jazente encontra-se orientada apresentando uma estrutura composta por corpo de uma só nave e capela-mor, ambos retangulares e com cobertura de telhado de duas águas. Adossada à cabeceira, do lado sul, uma sacristia quadrangular, com cobertura de três águas. Do mesmo lado, no alinhamento da parede do lado sul, um campanário, integrado no muro de delimitação do adro. Os volumes apresentam-se escalonados: o corpo da igreja é mais alto e mais largo que a capela-mor que, por comparação, se mostra estreita e de pé-direito mais baixo. Os paramentos são de granito, compostos por silhares de diferentes dimensões, cujas juntas se encontram avivadas com cal.

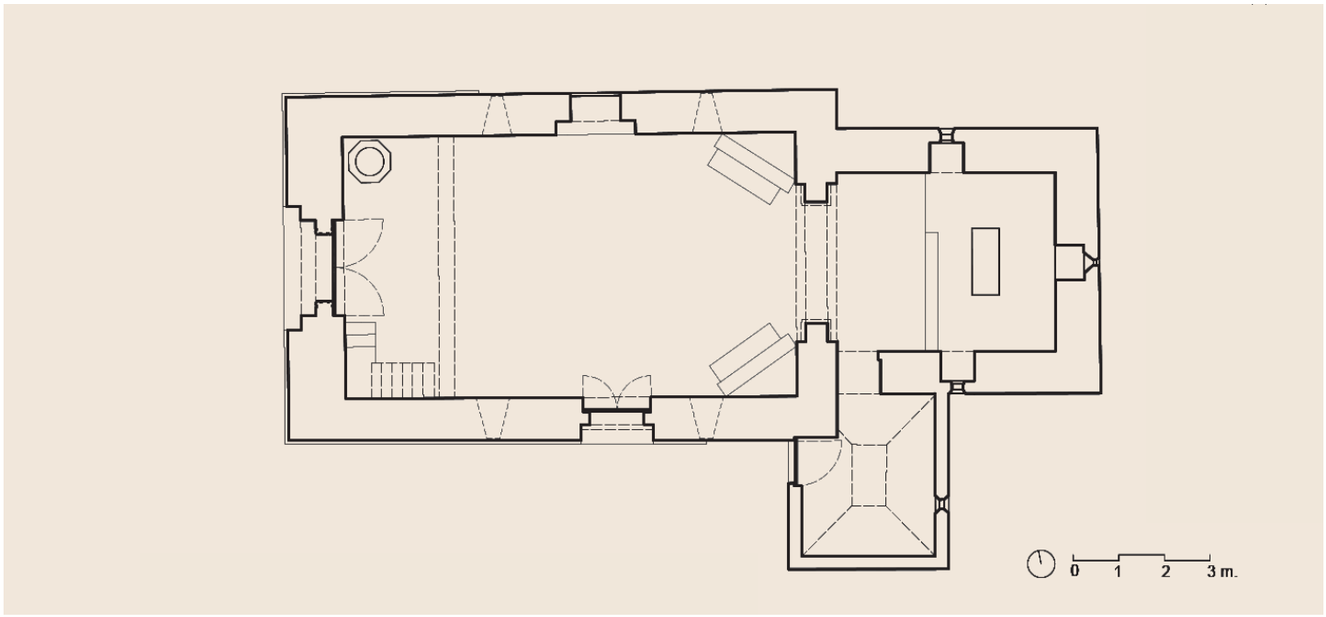
No que concerne aos muros da capela-mor, regista-se a existência de três frestas em cada uma das paredes, fundeira, norte e sul. Do lado sul, a sacristia da época moderna é uma estrutura simples, cujas muros são rematados em

Perspetiva geral da igreja. Alçado sul. Capela-mor, sacristia e nave



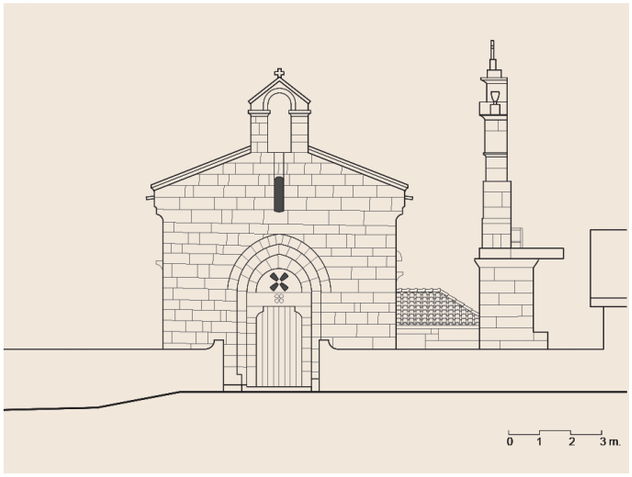
Portal sul



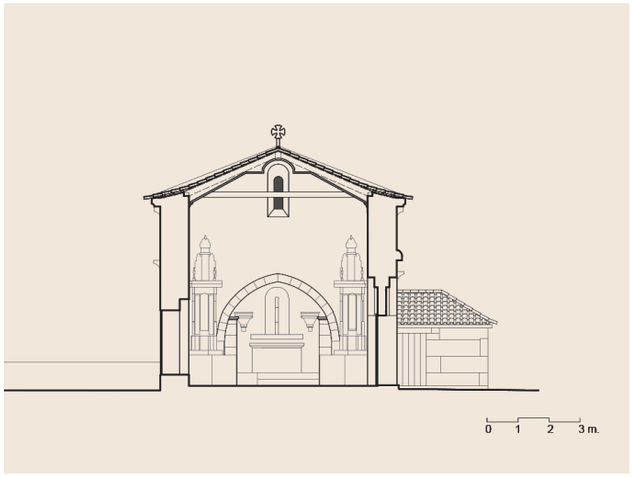


Planta

Alçado poente



Corte transversal



cornija sob beiral, com pequena fresta a este e porta de verga reta a oeste.

As fachadas laterais da capela-mor apresentam-se rematadas por cornijas sustentadas por modilhões de perfil quadrangular, lisos, isentos de decoração ou esporadicamente ornamentados com motivos geométricos. Cicatrizes de marcas de encaixe abertas nos silhares, junto aos modilhões, nos remates das fachadas, sugerem a antiga existência de construções adossadas.

Os muros da nave assentam sobre embasamento e, tal como as paredes laterais da capela-mor, são rematados por cornija apoiada sobre cachorros. A parede do lado sul apresenta um lacrimal, a meia altura e mísulas a um nível um pouco inferior que, em conjunto com aquele, apontam no sentido da existência, no local, de uma antiga estrutura alpendrada. Por cima do lacrimal observam-se duas frestas estreitas e a meio comprimento da parede, um portal. Inscrito na espessura do muro, o portal tem uma arquivolta e arco envolvente ligeiramente quebrados denunciando o seu carácter tardio e uma certa contemporaneidade com as primeiras manifestações do gótico. Este é um facto que se mostra coerente com outros indícios, nomeadamente com o recurso à tendência para vazar o tímpano, como se verifica neste portal do lado sul, onde lhe foram aplicadas cinco



Fachadas oeste e norte, com campanário

Cachorros da nave



aberturas circulares dispostas em cruz, alinhadas no interior de um duplo círculo. A parede do lado norte assemelha-se, em grande parte, a esta última, não obstante a inexistência, aqui, do lacrimal, o qual foi substituído por mísulas, sugerindo que ali poderá ter estado montada uma estrutura alpendrada, de dimensão menor do que a que existiu do lado sul. Os modilhões são lisos. Assinala-se, igualmente, a existência de um portal de verga reta, rasgado no ponto diametralmente oposto ao da parede do lado sul. Ao contrário daquele, porém, este encontra-se fora de uso.

Já na época moderna, no decurso do século XVII, foi construído perpendicularmente à fachada principal e no alinhamento da parede sul, um campanário isento de dois registos separados.

Na fachada oeste, o portal axial apresenta, igualmente, marcas de uma conceção tardia. Composto por duas arquivoltas quebradas que se apoiam sobre os pés-direitos dos muros, dispensando impostas ou colunas. As arquivoltas são escalonadas, o que se reflete ao nível do arranjo dos pés-direitos. O arco envolvente está inscrito no alçado da fachada. O tímpano replica o modo de vazar o granito a que atrás se fez alusão: a peça recebeu quatro furações de modo a obter-se, por via do alinhamento dos orifícios, a imagem de uma cruz orbicular. Uma cruz semelhante, mas de menor dimensão figura um pouco abaixo, replicada por insculturação, no lintel que serve de suporte ao tímpano. Este último assenta, por sua vez, em duas mísulas lisas que pousam sobre os pés-direitos, as quais se apresentam interiormente ornadas por estrias verticais.

A cabeceira apresenta cobertura de madeira, sendo pouco iluminada; das três frestas, com alargamento para o interior do edifício e que rompem os paramentos, uma na parede fundeira, as demais em cada uma das laterais, apenas estas duas permitem a entrada de luz natural. Os para-



Perspetiva geral do interior

mentos da abside surgem hoje caiados de branco, fruto de uma recente intervenção realizada pela Rota do Românico.

O arco triunfal é ligeiramente quebrado e foi alvo de acentuada intervenção realizada no decurso da época moderna, que se traduziu na introdução de duas pilastras com capitéis toscanos no intradorso. Esta obra teve como provável intenção nobilitá-lo, aumentando assim a abertura do vão – o que não veio a acontecer, posto que a obra foi interrompida –. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende consideram que o remate superior da sineira isenta, que se ergue no exterior, do lado sul, poderá ser contemporâneo desta campanha.

A nave da igreja apresenta-se pouco iluminada, tal como sucede com a capela-mor: as únicas fontes de luz natural são as duas frestas abertas em cada uma das paredes laterais, norte e sul, bem como a que existe por cima do arco triunfal e sobre o portal axial, a oeste. Todas as frestas apresentam a mesma configuração, alargando para o interior da igreja. Na parede do lado norte, o portal de verga reta, inscrito em arco abatido foi transformado em nicho, acolhendo um altar com imaginária. Na parede do lado sul, conserva-se o portal românico, cujos silhares contrastam hoje com o caiado recentemente aplicado aos paramentos da igreja.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, as características dos tímpanos, na igreja de Jazente, constituem um sinal de que o templo terá sido construído numa época tardia, nunca anterior a meados do século XIII. Considerando as fórmulas arquitetónicas e as soluções estéticas encontradas, estamos diante de um edifício que se aproxima daquilo a que a historiografia tem vindo a designar como gótico rural.

Presumivelmente edificada nos finais do século XII, inícios da centúria seguinte, a primitiva igreja de Santa Maria de Jazente foi alvo de diversas intervenções ao longo dos séculos. Declarada Imóvel de Interesse Público em 1977, integra, desde 2010, o projeto da Rota do Românico. Permanece afeta ao culto e é propriedade da Igreja Católica.

Texto: JL/MC - Fotos: RR - Planos: GM/MF/MS (sobre RR/AI/FO/LT/TC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1971, p. 114; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 124; BOISSELLIER, S., 2012, p. 133; CABRAL, P.A., 1786; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 579; COSTA, A.C., 1706-12, p. 142; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, p. 57; DUARTE, A.J., 2010; FERREIRA, A.E.M., 2009, pp. 77-83; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 165-166; NIZA, P.D., 1768, p. 292; PMH, INQ., p. 1150 (de 1258); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 316-331; SIPA; SOUSA, B.V., 2016, p. 83.